

Antropologia Portuguesa

Volume 24-25 · 2007-2008

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

Dossier Temático

**CLAUDE
LÉVI-STRAUSS**

O antropólogo que odiava viajar: entrevista com Claude Lévi-Strauss¹

Carlos Câmara Leme

Jornal Público

cycamaraleme@gmail.com

Odeia viagens e exploradores. No entanto, é por um relato, o da partida, que começa um dos seus livros mais famosos – *Tristes trópicos*. É aí que o antropólogo Claude Lévi-Strauss, um dos grandes pensadores do século XX, conta a sua viagem à Amazónia, quinze anos depois de ter chegado a uma das últimas fronteiras a explorar na Terra. Estava em 1935, quando começa a estudar as sociedades primitivas – as tribos índias da Amazónia.

Hoje com 90 anos, este homem que influenciou de maneira determinante o desenvolvimento das ciências sociais neste século, não quer dizer nada de especial sobre o mundo. Porque para além de ser totalmente céptico, quando começou a trabalhar havia dois mil milhões de pessoas. “Esse número triplicou, o que dá qualquer coisa como seis mil milhões de pessoas. É um mundo que não tem qualquer semelhança, ou relação, com o que conheci quando era jovem.” Mas Claude Lévi-Strauss, que na América mudou de nome por causa dos jeans, foi sempre assim, a sua opinião era apenas mais uma opinião.

“O mundo começou sem o homem e acabará sem ele”, escreve quase no fim de Tristes trópicos, certamente o seu livro mais lido. Na altura, tinha 47 anos, hoje celebram-se os seus 90 anos. Como é que vê o mundo?

Bom, é o tipo de perguntas a que me recuso responder.

Porquê?

Recuso-me a tecer quaisquer considerações porque esse não é o meu trabalho. O que faço, o que sempre fiz de alguma forma, foi estudar sociedades longínquas e muito diferentes da nossa. O que faz com que eu não tenha, pelo menos é a minha opinião, nenhuma autoridade para fazer qualquer espécie de julgamentos sobre o estado do mundo.

¹ Transcrição, gentilmente autorizada pelo Director do Jornal Público, da entrevista feita em Paris a Claude Lévi-Strauss por Carlos Câmara Leme e publicada no caderno *Pública*, 11 de Abril de 1999: 22-31.

Não sou apenas eu que não tenho autoridade para falar sobre o estado do mundo. É um assunto de tal forma complexo, que não vejo muito bem quem é que possa ter alguma autoridade para falar sobre ele. Não sabemos nada, essa é a verdade!

Podemos ter preferências, esperanças ou irritações. Mas, repito, não podemos fazer qualquer espécie de juízo acabado.

Bom, se quiser, sobre essa matéria sou um pessimista, ou antes, um céptico total. Não vejo o que possa dizer!

Apesar de odiar as viagens, é como abre Tristes trópicos...

...é verdade, mas há muito tempo – já nem me lembro quando foi a última vez [risos]- que não viajo.

Se insiste dou uma resposta simples, mas que muito provavelmente não o satisfará. Quando comecei a trabalhar, a ensinar Filosofia, quase há 70 anos, a população mundial andava à volta de dois mil milhões de pessoas; no fim da minha existência esse número triplicou, o que dá qualquer coisa como seis mil milhões de pessoas.

Para mim, isso representa qualquer coisa de catastrófico. Absolutamente inimaginável! É um mundo que não tem qualquer semelhança, ou relação, com o mundo que conheci quando era jovem. Como é que quer que me pronuncie sobre o seu estado?

A sua primeira viagem é, em 1935, ao Brasil, S. Paulo. Chegou a aprender português?

No Brasil toda a gente falava francês. Dava os meus cursos, na Universidade de S. Paulo, em francês. Claro, que aprendi a falar português, mas o português do interior, dos camponeses de Mato Grosso. Nunca fui a Portugal. Mas tenho pena.

Apesar de falar português, já confessou que quando escreveu Tristes trópicos grafou as palavras portuguesas como elas lhe soavam ao ouvido. O livro estava cheio de gralhas...

Completamente, essa primeira edição, já o disse uma vez, era um monstro [risos].

Em 2000, comemora-se a descoberta do Brasil, por Pedro Álvares Cabral. Acha que ainda se pode descobrir algo no mundo?

[Grande silêncio.] Descobertas científicas sim. Mas à face da terra já não há nada para descobrir.

Isso não é preocupante?

Não é preocupante. É uma tristeza!

Neste momento está a escrever algum livro?

Já não escrevo mais livros, já não tenho vontade. É algo que demora muito tempo. Digo com os meus botões: para é que vais escrever um livro se não o vais acabar? [risos] De vez em quando, escrevo alguns artigos. O último apareceu no jornal italiano *La Repubblica*, sobre a administração da prova na análise dos mitos. Não diz muita coisa, pois não? [gargalhada]

Acha que pode falar-se de mitos na sociedade contemporânea?

O sentido que os povos sem escrita atribuíam ao mito é o que nós atribuímos aos diferentes modelos de explicações científicas: quando temos problemas, vamos ter com os físicos, com os químicos ou com os biólogos. Mas acho que não podemos encontrar em qualquer domínio da nossa sociedade algum equivalente do que pode ser o pensamento mítico.

O papel que a história representa para nós, quer dizer, a maneira como tentamos compreender o presente e prever o futuro – que é também a forma de reconstruirmos o nosso passado – é, talvez, o equivalente do que o pensamento mítico terá sido para os povos que não tiveram escrita.

Acha que ainda hoje – com as teses de alguns autores pós-modernos sobre o fim da História – essa ideia tem algum sentido?

Em primeiro lugar, gostaria que me explicassem o que é isso de pós-modernismo! Porque sentimos que, quando se fala de pós-modernismo, diz-se que não é moderno, mas não se diz o que é. O que é muito revelador porque, com efeito, representa um conjunto de ideias de tal modo confusas que somos completamente incapazes de ter uma linha de definição.

Abraçou o socialismo ainda adolescente, chegou memo a dizer que gostaria de ter sido o “filósofo do Partido Socialista”. O facto de vivermos uma sensação de vazio sem qualquer “ismo” ou ideologia não o incomoda?

Claro, claro! Foi por isso que quando começámos a falar me recusei a responder! [risos] E quanto à política, quando fui para o Brasil, abandonei a actividade política. Até hoje.

Porquê?

Por um lado, o meu cepticismo sobrepôs-se. Por outro, o meu trabalho de etnólogo levou-me a ver as coisas humanas de muito longe. O que se passa à escala de uma vida ou de uma geração não tem muita importância.

Sou totalmente céptico. As pessoas têm que encontrar os seus caminhos. O meu papel não é de propor qualquer um.

Sim, mas no último volume de Mitológicas escreveu que, se fossem suprimidos dez ou vinte séculos de história, isso não afectaria o conhecimento da natureza humana. A única perda insubstituível seria a das obras de arte que esses séculos viram nascer. Qual é a obra que, na sua opinião, podia resumir o nosso século?

Não há uma obra! Há dezenas, centenas, milhares. Depende do momento, depende da hora do dia.

Aos 90 anos, como é que [se] vê a si próprio, qual é o retrato que faz da sua vida? Vê-se como um sábio?

Ah não! Ao longo da minha existência, fiz os possíveis para me divertir ou, se quiser, para não me aborrecer [risos]. Foi por isso que trabalhei, porque se o não fizesse aborrecer-me-ia imenso. Escrevi apenas para passar o tempo. E não dou qualquer importância a isso.

Os que o leram dão. Porque razão se apaga tanto?

Se calhar é isso que é saber ser sábio! [risos]. Os outros deram-me uma certa importância num certo momento, sobretudo os que fomos da mesma geração, nos anos 50, 60, 70. Hoje não se interessam pelo que faço ou fiz. E acho bem que assim seja.

O senhor é um dos últimos sobreviventes de toda uma geração de pensadores e escritores – Braudel, Lucien Febvre, Sartre, Merleau-Ponty, Raymond Aron, Dumézil, Breton, Max Ernst, Marcel Duchamp, Lacan, Alexandre Koyré, Foucault, Jakobson, a lista é interminável. Tem consciência da referência intelectual que representa?

Mas eu não sou uma referência. O que se passa é que vivi mais, sou mais velho. É tudo!

A grande cultura francesa, que todos aqueles nomes representam, está em declínio. Concorda?

Certamente. E aflige-me imenso. Mas sou totalmente incapaz de dizer se é algo de durável ou se é simplesmente uma flutuação. Quem sabe se daqui a 10, 50 anos o caso muda de figura? Ninguém sabe, ou melhor eu não sei.

² Da responsabilidade do Conselho Editorial da *Antropologia Portuguesa*.

O facto de os EUA serem actualmente a potência toda-poderosa preocupa-o?

Em primeiro lugar: nunca me esquecerei do papel que os EUA tiveram na minha existência. Salvaram-me a vida ao deixarem-me sair da França, em 1940. Em segundo lugar, foi nos EUA que comecei a escrever e que conheci todo um ambiente intelectual que foi capital para a minha vida. Logo, não tenho medo nenhum dos EUA.

O poder dos EUA pode durar ou não. Não sei. O mundo muda. E não estarei já cá muito tempo para ver. Espero calmamente a morte.

Imagine que podia começar tudo de novo. Repetia tudo o que fez ao longo da sua vida?

Nem por sombras. Gostaria de fazer coisas completamente diferentes do que fiz.

O quê?

Gostaria imenso de ser compositor e maestro. Sobre isso, não tenho quaisquer dúvidas!

Não gosta muito do conceito, da palavra, método.

De facto, não. Mas se quiser pode utilizar a palavra.

O seu “método” de trabalho não é o de colar coisas como fizeram os surrealistas?

Não se pode generalizar a tudo quanto fiz. Disse isso ao comparar as colagens de Max Ernst e os trabalhos que fiz sobre os mitos. O que afirmei? Bom, também eu recortei velhas imagens e depois procurei colá-las umas com as outras, para fazer aparecer relações que passavam até então despercebidas. Mas é uma ideia a que não dou, mais uma vez, uma grande importância. É uma espécie de *boutade*.

Quando lhe dizem que é o “papa do estruturalismo” como é que reage?

Digo que isso não quer dizer nada. Até porque quem inventou o estruturalismo não fui eu. O estruturalismo é uma coisa mais antiga do que se possa pensar. Se quiser falar de um “papa do estruturalismo”, ele viveu no século XVIII: foi Goethe. No século XIX, foi Wilhelm von Humboldt [filósofo e linguista alemão, 1767-1835], depois vem Saussure e Trubetskoi [linguista russo, 1890-1938] e, claro, Roman Jakobson.

Não inventei nada. Sou alguém que faz parte de uma corrente de pensadores – de um afluente de um grande rio – que remonta, no mínimo, a Dürer.

Máscaras, Crocodilos e Breton

A abarrotar de livros e discos por tudo quanto é sítio, a casa de Lévi-Strauss é um pequeno museu. Há objectos, de todos os géneros e feitios, espalhadas por cima das mesas, das cadeiras, da sua secretária de trabalho. Ao fundo avista-se, por uma nesga da janela, o Sena.

– Tem uma biblioteca imensa?

– Até já tive de pôr muitos livros na garagem. Não leve a mal esta desarrumação. Ri-se.

Claude Lévi-Strauss tem um olhar a um tempo inquieto e meigo. Está a ler vários livros ao mesmo tempo, como a biografia de Balzac. Mas o seu autor preferido é Proust. “‘*À procura do tempo perdido*’ continua a ser o meu livro de cabeceira”, confessa. “Mas gosto muito de Chateaubriand, Balzac e Rousseau.” Quando esteve no Brasil, leu Eça de Queirós.

Enquanto fala, as suas longas e lindíssimas mãos parecem acompanhar o pensamento. Treme um pouco e anda com alguma dificuldade. “Hoje, estou com um pouco de febre, desculpe.”

Do outro lado da casa, há um rumor de música. “Tenho uma lista muito banal de compositores preferidos”, confessa por entre um sorriso, Beethoven, Mozart, Wagner, Stravinski. “Depois, há outros, ao lado, a que sou menos sensível: Schubert, Schumann, Brahms, Schönberg – não é a minha família.”

O seu pai era pintor. “Gosto muito de Poussin, e sobretudo os grandes flamengos: Van Eyck, Van der Weyden. Picasso é um grande génio, tem quadros admiráveis, mas, enfim, não é com os olhos postos neles que gostaria de viver...” Lévi-Strauss vive, antes, com uma grande pintura do Tibete, a peça que introduziu o surrealista André Breton na arte tibetana. Mas há também, entre outras coisas, máscaras, todo tipo de adornos, crocodilos.

Qual é o objecto que tem em sua casa de que gosta mais?

Só um? É impossível, é como estarmos a falar de um pintor, de um compositor ou de um escritor [risos].

Não é isso. A pergunta é: qual é o objecto a que se sente mais ligado?

Depende de tanta coisa. Dos dias, das horas, daquilo que estamos a sentir em cada momento. Mas está bem, aceito o jogo: escolheria este aqui [apontando para uma escultura que está por detrás da sua secretária de trabalho]. É uma escultura da costa pacífica do Canadá, da Colômbia Britânica, dos índios dessa região onde estive entre 1973 e 1974. Escrevi sobre eles *A via das máscaras*, que fala sobre esta arte. Para mim, é a arte mais importante de toda a história da humanidade.

Porquê?

É o mesmo que perguntar por que é a arte gótica tão importante! É uma arte que me diz muito. O que posso dizer mais?

E aquele crocodilo?

Bem não é propriamente um crocodilo [risos]. É um alaúde da Birmânia. Tem três cordas esticadas no ventre e tem a forma de um crocodilo porque na mitologia chinesa é o crocodilo que é o inventor da música. É muito bonito, não é?

Nas expedições que fez deve ter dado de caras com muitos crocodilos verdadeiros. Nunca teve medo?

Só mais tarde. Na hora dos perigos não.

Porquê? Diz-se que era muito naïf. E hoje?

Espero bem que sim e acho que é bastante útil continuar naïf.

E aquela grande pintura que está por cima do alaúde, que aparece em todas as entrevistas que já deu?

É uma pintura tibetana, mas nunca fui ao Tibete. Encontrei-a num antiquário em Paris...

...aliás, quando era jovem gastava uma boa parte do seu pouco dinheiro nos antiquários...

...e depois ia com os meus amigos surrealistas. Curiosamente, acho que é a primeira vez que falo disso. A minha amizade com Breton está muito ligada a esta pintura. De facto, ele nunca se interessou pela arte tibetana. Foi quando a comprei – por preço absolutamente irrisório porque era muito grande e ninguém a queria [risos] – que Breton, depois de a ver, se começou a interessar pela arte tibetana. Alguns dias depois, dei com ele a comprar os primeiros objectos tibetanos que, julgo, ainda existem na sua casa.

Claude entre os índios

“Viajar é, diga-se o que se disser, um dos mais tristes prazeres da vida”

Madame de Staël. “Corinne”

É impossível viajar em torno do pensamento do século XX sem colocar no mapa dessa viagem um nome: Claude Lévi-Strauss.

Etnólogo, antropólogo, estruturalista, como classificar Claude Lévi-Strauss? É possível reduzi-lo a uma destas disciplinas? Numa entrevista que deu à revista *Magazine Littéraire*, em 1983, afirmou: “Sinto-me embuído por uma espécie de moral última: ‘nada é’. Naturalmente, para viver, é necessário fazer de conta que as coisas têm sentido.”

Um sentido que encontrou eco até hoje. Na verdade, o método de trabalho desenvolvido por Lévi-Strauss é, com as devidas transformações, um dado absolutamente incontornável para qualquer investigador que se relacione com os objectos – mitos, parentescos ou arte indígena – com que o antropólogo trabalhou.

A mesma revista publicou um ensaio – significativamente intitulado “Mito e Música” – onde o antropólogo que odiava viajar escreveu um pequeno e brilhante texto. Nele, explicou simplesmente qual era o seu método. “É impossível compreender um mito como uma sequência contínua. Se tentarmos ler um mito como lemos um romance ou um artigo de jornal, quer dizer, linha após linha, da esquerda para a direita, não compreendemos o mito, porque é preciso apreendê-lo na sua totalidade. É preciso descobrirmos que o seu sentido profundo não reside na sequência dos acontecimentos mas em pacotes de acontecimentos, mesmo se esses acontecimentos aparecem em diferentes momentos da narração.”

É como ler uma partitura de uma ópera, diz Lévi-Strauss. Tudo tem importância: as notas que estão em cima só podem ser entendidas se ouvirmos as de baixo, da direita para a esquerda, mas também verticalmente: “Cada página constitui uma totalidade.” O que interessa é a relação estrutural – formal – entre os elementos.

Filho de pais franceses, nasceu a 28 de Novembro de 1908, em Bruxelas. Dez anos depois está em Paris, cidade onde depois de fazer os estudos secundários se licencia em Direito. Mas a leitura, com apenas 16 anos, de

O capital, de Marx, vira-o para a Filosofia, onde conhece Maurice Merleau-Ponty e Simone de Beauvoir. Abraça, desde muito cedo, os ideais socialistas. À época, pensa inclusive em ser “o filósofo do Partido Socialista”.

1933. “Começo a aborrecer-me. Tinha vontade de viajar, de ver o mundo”, confessará em 1998, na entrevista que deu a Didier Eribon (*De près et de loin*, Éditions Odile Jacob).

“A minha carreira foi decidida num domingo de Outono de 1934” – conta em *Tristes trópicos* – às nove da manhã, com um telefonema.” Do outro lado da linha estava Célestin Bouglé, director da Escola Normal Superior, de Paris.

– Continua a sentir o desejo de se dedicar à etnografia?

– Sem dúvida!

– Então apresente a sua candidatura como professor de Sociologia na Universidade de São Paulo. Os arredores estão cheios de índios, poderá dedicar-lhes os seus fins-de-semana. Em *Tristes trópicos* dirá, com alguma ironia, que os índios estavam um pouco mais longe.

Parte em 1935. Qual é a razão, então, que o leva a aceitar quando, é ele próprio que o diz, odeia as viagens?

Lévi-Strauss tenta uma explicação em *Tristes trópicos*, que, um dia confessará, podia ter sido o título de um seu romance: “Possuo a inteligência neolítica. À semelhança das queimadas das selvas indígenas, ela abrasa solos por vezes inexplorados; talvez até os fecunde, para deles extrair apressadamente algumas colheitas, e deixa atrás de si um território devastado. Mas eu não podia nessa altura tomar consciência destas motivações profundas.” Mais: “Desconhecia por completo a etnologia.”

Este tipo de afirmações não vai abandoná-lo. Para sempre. No entanto, quando toma contacto com os índios Bororo, no Mato Grosso Central, ou quando partilha os dias junto dos índios Caduevo ou Nambikhara, é um homem visivelmente feliz, como contou a Didier Eribon. “Sentia-me como se estivesse a reviver as aventuras dos primeiros navegadores do século XVI. Era como se estivesse, a descobrir o Novo Mundo. Tudo me parecia fabuloso: as paisagens, os animais, as plantas...”

As viagens e as expedições multiplicam-se até 1939. A II Grande Guerra bate à porta. Oriundo de uma família judaica – o seu avô tinha sido rabino em Versalhes – Claude Lévi-Strauss desloca-se a Vichy, onde estava sediado o governo do marechal Pétain. Quer falar com o ministro da Educação para ser colocado num liceu. Não se dá conta do perigo. Um

anjo da guarda – ou seja um simples funcionário – faz-lhe compreender o risco que está a correr.

Recebe um convite, para ensinar na New School for Social Research, de Nova Iorque, porque Robert Lowie se tinha interessado pelo seu trabalho sobre os Bororo. Consegue um visto. Parte de Marselha, no barco “Capitaine-Paul-Lemerle”. A bordo, entre outros, encontra André Breton – é o início de uma amizade que durará até o surrealista morrer. Instala-se num estúdio em Greenwich Village, em Nova Iorque. O meio intelectual – onde pontuam Breton, Max Ernst, Marcel Duchamp – é riquíssimo.

Começa a dar aulas de Etnologia na New School, em 1942. Há um episódio delicioso.

– Aqui vai chamar-se Claude L. Strauss.

– Porquê?

– Os estudantes gozariam consigo.

O comentário do investigador é uma pequena maravilha: “Por causa dos ‘jeans’ vivi durante muitos anos nos EUA com o meu nome mutilado.”

É por esta época que conhece o grande linguista Ramon Jakobson. Como outrora, quando começou sem o saber a ser etnólogo, fazia então uma “espécie de estruturalismo, sem o saber. Jakobson revelou-me um corpo de uma doutrina já constituída como uma disciplina: a linguística, que nunca pratiquei. Para mim, foi uma iluminação.” E uma amizade também. Alguns dias antes de morrer, Jakobson enviou-lhe um texto, com uma pequena nota: “Para o meu irmão Claude.”

Ainda hoje, a sua estada em Nova Iorque, pode ser considerada a mais decisiva em toda a sua carreira “académica” (ver entrevista nestas páginas). Passa os dias na New York Public Library.

Mais tarde, quando foi confrontado com o facto de ter feito pouco trabalho de campo, não se incomoda. “Depressa me senti um homem de gabinete mais do que um homem no terreno.” O trabalho de campo, explicou a Eribon, é um “labor feminino, razão pela qual as mulheres o conseguem tão bem. Quanto a mim, faltava-me o cuidado e a paciência.” Acrescenta: “Quantas vezes nas ingratas savanas do Brasil central não tive a impressão que estava a desperdiçar a vida.”

Esta aguda consciência vai a par de uma outra: Lévi-Strauss disse um dia: “Sabia que pertencia, com todas as minhas entranhas, ao Antigo Mundo. Irrevogavelmente.”

Por isso, regressa a França, em 1947. Um ano depois, defende a sua tese na Sorbonne: *As estruturas elementares do parentesco*, uma reflexão teórica sobre os sistemas matrimoniais das sociedades ditas primitivas. Aqui, o antropólogo reflecte, entre outras coisas, sobre o “pensamento primitivo”, mostrando como longe de ser primitivo ou simplista é, ao contrário, um pensamento complexo e sofisticado. Em 1959, nas conversas na rádio que manteve com Georges Charbonnier dirá: “Essas sociedades parecem ter elaborado uma sabedoria particular que as leva a resistir desesperadamente a toda a modificação da sua estrutura, que permitiria à história irromper no seu seio.” A história que é talvez, pensa Lévi-Strauss, o mito da civilização ocidental.

Começa a viajar cada vez menos, embora, a convite da UNESCO, vá ainda à Índia, Paquistão e Birmânia. Os académicos franceses olham-no com desconfiança: “Tinha regressado passados treze anos e não podia compreender que ia entrar numa luta de clãs no interior do Collège de France, entre conservadores e liberais.”

Em 1955, escreve de um jacto, durante quatro meses, *Tristes trópicos*, a sua autobiografia intelectual. Resolve “dizer tudo o que lhe passava pela cabeça”. Não sem alguma má consciência. Porquê? Julgava que “estava a pecar contra a ciência”. Enquanto vai recebendo convites das mais variadas e prestigiadas universidades do mundo, as décadas de 60 e 70 vão ser as de maior fecundidade.

Em 1960, funda no Collège de France o Laboratoire d’Anthropologie Sociale. Cria, em 1961, a revista de antropologia *L’Homme*. Em 1962, é a vez de *Totemismo hoje* e *O pensamento selvagem*. O último volume da trilogia de *Mitológicas* sai em 1971. Como vê Maio? “Não creio que Maio de 68 tenha destruído a universidade mas, antes, que Maio de 68 teve lugar porque a universidade se estava a destruir”, afirma, sem pestanejar.

Em 1973, à terceira tentativa, entra, finalmente, na Academia Francesa. No mesmo ano que viaja à Colômbia Britânica, Canadá, o que dará origem ao livro *A via das máscaras* (1975).

Começa a sentir pelo Japão uma grande atracção. Ao todo, visita o país cinco vezes. Em 1985, regressa ao Brasil a convite do Presidente da República Francesa, François Mitterrand – ano em que publica *A oleira ciumenta*. Em 1991, é a vez de *História do lince*, dois anos mais tarde, *Regarder écouter lire*. Já este ano, a revista *Critique* publica um número duplo de homenagem – “um retrato do antropólogo enquanto filósofo-artista”.